

O Código Da Vinci: qual o limite da imaginação?

por Paulo Faitanin – UFF



1. Ficha técnica: Título Original: The Da Vinci Code. Data prevista para lançamento: 19 de Maio de 2006. Estúdio: Columbia Pictures. Diretor: Ron Howard. Edição: Screenwriter: Akiva Goldsman. Elenco: Tom Hanks, Jean Reno, Audrey Tautou, Ian McKellen, Alfred Molina, Paul Bettany. Gênero: Suspense

2. Sinopse: Viajando a negócios em Paris, o especialista em simbologia Robert Langdon de Harvard (Tom Hanks) recebe uma urgente chamada de telefone, tarde da noite: um antigo curador do Louvre foi assassinado dentro do museu. Perto do corpo, a polícia encontrou um misterioso código. Ao trabalhar para resolver o enigma, Langdon descobre indícios escondidos nos trabalhos de Da Vinci, indícios visíveis, mas inteligentemente disfarçados pelo pintor. Langdon e um especialista francês se unem na investigação e descobrem que o curador pertencia ao priorado de Sião - uma sociedade secreta cujos os membros incluíam Isaac Newton, Botticelli, Victor Hugo, e Da Vinci, entre outros. Ambos devem decifrar o enigma a tempo, pois correm o risco de perderem uma verdade histórica para sempre.

3. Herança: O filme reproduz em parte, como era de se esperar, o conteúdo do polêmico livro. Herda do livro quatro fatos ou informações verdadeiras que são desfiguradas com o fruto da imaginação do autor. Embora seja uma novela, não raro o autor defende - estratégia de *marketing* - a veracidade do que afirma. Vejamos as verdades desfiguradas pela imaginação do autor: *Primeira:* Leonardo Da Vinci - *Fantasia:* afirma pertencer a uma sociedade secreta e esconder informações em suas pinturas sob a forma de códigos. *Segunda:* Maria Madalena, convertida por Cristo depois de uma vida de pecado, portanto sua discípula - *Fantasia:* teria tido filhos com Jesus. *Terceira:* Priorado de Sião, associação cultural francesa, fundada por volta dos anos 50 por Pierre Plantard - *Fantasia:* a organização teria existido durante as cruzadas, na Idade Média. *Quarta:* Opus Dei, fundado por São Josemaría Escrivá, uma Instituição hierárquica da Igreja Católica, uma prelazia pessoal que tem como finalidade contribuir para a missão evangelizadora da Igreja - *Fantasia:* seita interessada no poder e no dinheiro.

4. Questão: Ao ignorante basta uma mentira bem contada para que a tenha como verdade. A crise da contemporaneidade é a da perda do esplendor da verdade. Vivemos num período em que o escândalo, pela profanação da verdade, virou um modo de domínio, maneira de perverter mentes e, de quebra, ganhar dinheiro. O que pretende o livro e, agora, o filme? Nada mais, nada menos: domínio, profanar a verdade e ganhar dinheiro.

5. Esclarecimento: Tem sido quase um ritual, mas para a produção de um *best seller* requer que se mesquem mentiras às fantasias. Infelizmente, as fantasias - como as de Tolkien [O Senhor dos Anéis], Lewis [As crônicas de Nárnia] - não chocam e não encantam tanto mais do que uma mentira bem contada. Sinais do tempo. E aqui é fundamental a distinção entre *mentir* e *imaginar*. Como regra é preciso dizer o diferente, ainda que para isso se profane a verdade. Tanto o livro como o filme valem-se desta lógica. O autor não mediu esforços para executar este plano, cada vez muito comum para o mecanicismo da produção de livros vendáveis. O livro não é só meramente mentiroso, mas sobretudo caluniador.

6. Análise: Imaginar não é mentir, mas se pode mentir imaginando. A mentira é dizer o que é falso com a intenção de enganar. Há mentiras que contrariam a verdade, ocasionando mal juízos: *eis a calúnia*. A calúnia é uma mentira porque diz falsidade. Mas há uma espécie de calúnia que é uma mentira 'destilada', 'inteligente', 'sedutora' e 'com ar de verdade'. Esta é a calúnia que diz verdades, mas desfigurando-as, mal interpretando-as e, inclusive, transformando-as. Esta é a pior espécie do gênero 'mentira'. E é desta espécie que se vale Dan Brown em seu livro *O Código Da Vinci* e agora o filme, para transformar mentiras imaginadas em verdades; e verdades em mentiras. A isto denominamos profanar e privar o esplendor da verdade. Esta arte que o livro e o filme reproduzem já figurava na escola sofista: a arte de enganar dizendo meias verdades, sem deixar de lucrar com isso. Uma vez mais cabe dizer: *ao ignorante basta uma mentira bem contada para que a tenha como verdade e, acrescento: ao sábio não há mentiras que o impeça de buscar a verdade*.